

FRUTAS PARA O MUNDO

*** Roberto Rodrigues**

O maior poder aquisitivo de populações do mundo todo, especialmente dos países emergentes, sugere um grande potencial para o aumento de consumo de frutas em natura. Trata-se de um mercado que tem a ver com prazer: a beleza do colorido das frutas, seu aroma adocicado e típico que chega a marcar fases da vida, a doçura do paladar, são muitos os elementos medidos pelos sentidos; até mesmo o manuseio dos produtos: quem não gosta de pegar uma maçã, um cacho de uva, uma tangerina?

Somos o 3º maior produtor mundial de frutas, atrás apenas da China e da Índia. Em 2012, último ano com dados oficiais, produzimos 42 milhões de toneladas. A CNA calcula que o volume em 2013 e 2014 superou 43 milhões de toneladas.

Uma curiosa informação: temos mais de 500 variedades de plantas frutíferas, das quais quase a metade são nativas da Amazônia. No entanto, apenas cinco frutas – banana, laranjas, maçã, abacaxi e uva – representam 67,4% do mercado, em volume. A fruticultura ocupa hoje 2,3 milhões de hectares de terra e boa parte dessa área está em pequenas e médias propriedades rurais.

O Instituto Brasileiro de Frutas calcula que esta nobre atividade emprega 5,6 milhões de pessoas direta ou indiretamente.

Outro dado curioso: mais de 90% das frutas produzidas em todo o mundo são consumidas nos países de origem. Em 2012 apenas 74 milhões de toneladas (9,5% do total produzido) foram exportados para todos os mercados.

E isto representa, sem dúvida uma grande oportunidade para nós. Com a impressionante variedade de frutas aqui produzidas, podemos conquistar mercados tanto para as mais consumidas como também em nichos especiais.

O Brasil já vem crescendo, mas ainda podemos avançar muito mais.

Nos últimos 15 anos nossas exportações de frutas frescas aumentaram 6% ao ano em média em volume, e 12,1% em valor. As mais exportadas foram melão, manga, banana, maçã, limão e lima.

Por outro lado, também vêm crescendo, embora muito menos (1% ao ano) nossas importações, principalmente de pera, maçã, uva, ameixa e kiwi, frutas cuja produção está aumentando internamente em todas as regiões.

Em termos globais, o consumo de frutas tropicais e exóticas está avançando mais que o de frutas de clima temperado. Segundo o Rabobank, de 2013 a 2018 o mercado mundial de frutas deve crescer 4,6% ao ano em volume e bem mais do que isso em valor.

Os países cujas importações deverão aumentar mais estão na área da Ásia/ Pacífico, como China, Hong Kong, Índia, Japão, Malásia, Indonésia, Filipinas, Cingapura, Tailândia, Coréia do Sul, Taiwan e Vietnã. Aliás, vale lembrar que em 2004 assinamos um acordo sanitário com o Japão para poder exportar para lá mangas Kent e Tommy Atkins, depois de mais de 20 anos de esforços do nosso lado...

Para conquistar esses mercados, é fundamental estabelecer acordos comerciais e fitossanitários com eles. Mais uma vez, fica clara a importância do

papel do governo nesse assunto. Não temos nenhum acordo de livre comércio que favoreça a exportação de frutas frescas. Pior, em Janeiro deste ano perdemos os benefícios do Sistema Geral de Preferências da União Europeia (SGP-UE), encarecendo nossas exportações de frutas. Em 2013, a Europa importou 79% das frutas que vendemos, e isso mostra o prejuízo da perda do SGP-EU. Não podia acontecer!

A falta de protocolos sanitários nos impede de alcançar os países asiáticos referidos e mais Estados Unidos e Colômbia, entre outros. Este mercado vale 4,3 bilhões de dólares anuais e podemos perfeitamente abocanhar boa parte disso. Todos os nossos concorrentes já tem acordos de livre comércio com esses países alvo, dificultando nossa entrada.

A Apex vem trabalhando nisso ao lado do IBRAF e não podemos esmorecer nessa missão: fruta é excelente alternativa de renda para a agricultura familiar, para pequenos e médios produtores e ainda pode ocupar grandes espaços na agricultura orgânica.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente da Academia Nacional de Agricultura (SNA)**